

Virtudes da clandestinidade

por WALTER CARLOS COSTA (Universidade Federal de Santa Catarina)

O historiador inglês Eric Hobsbawn assinala que no século XX (contrariamente ao que aconteceu no século passado) o avanço tecnológico não se acompanha de um avanço no campo da cultura. No Brasil, algo análogo parece acontecer, só que em relação às duas metades de nosso século.

Assim, no ensaio literário a ousadia e a criatividade dos modernistas - em geral, autodatas - cederam lugar ao espírito de especialização insaurado nos cursos de pós-gra

duação a partir dos anos 60.

Ganhamos em rigor acadêmico mas desapareceram os ensaístas apaixonados por seu objeto de estudo.

Mas há exceções. Sebastião Uchoa Leite - poeta e autor da única tradução brasileira literária da Alice de Lewis Carroll - teve a sabedoria de manter sua militância cultural fora da universidade, apesar de se relacionar bem com alguns de seus membros. Ele é um dos raros críticos no Brasil, a preservar sua liberd

de de construção da obra, longe do universo - tantas vezes estéril - das teses e contínuas comunicações em congressos. Seu livro Crítica Clan destina (Livraria Taurus Editora, Rio de Janeiro, .1986) recolhe sua produção crítica de 1965 a 1985, incluindo prefácios a traduções e artigos publicados em diferentes periódicos, desde as antigas Revista Civilização Brasileira e Tempo Brasileiro, até órgãos de circulação restrita como Remate de Males e Artefato, passando pela brilhante e metórica José e a subterrânea Belo Belo.

Os interesses de Sebastião Uchoa Leite formam um perfil de intelectual renascentista: dominam a diversidade e o entrecruzamento de áreas, se bem que tudo desemboque na literatura. Este "crítico clan destino" gosta do internacional

e do plurilingüe: Octavio Paz, Lewis Carroll, Morgenstein, Leopardi, Marianne Moore, são objeto de ensaios agudos e com independência de ponto de vista.

Sebastião saber ser nacional também: recupera o momento do pouco conhecido poeta gaúcho Marcelo Gama, produz um denso ensaio sobre a poesia de João Cabral de Melo Neto e, em um verdadeiro tour de force, consegue esboçar um panorama simpaticamente crítico do movimento de cultura popular pré-64. Há ainda um belo texto sobre a atuação de Otto Maria Carpeaux. Aqui a homenagem afetuosa se acompanha sempre do cuidado em delimitar e definir o estilo heterodoxo de trabalho de Carpeaux. É de Carpeaux que parece provir, inclusive, o método pessoal de Sebastião Uchoa Leite: grande erudição, enfoque teórico constante, in

dependência de espírito, ex
pressão límpida. Convém lem
brar que Carpeaux e Uchoa Lei
te redigiram os inspirados
verbetes literários da Enci
clopédia Mirador Internacio
nal.

Em "Octavio Paz: o mundo
como texto" (publicado origi-
nalmente como prefácio a Sig
nos em rotação, de Octavio
Paz, Editora Perspectiva, São
Paulo, 1972) Sebastião Uchoa
Leite mostra toda a sua força
de crítico autônomo. Para
Sebastião "a crítica poundiana
foi freqüente monólogo, a de
Paz tenta ser diálogo com o
mundo" (p.9) - estamos longe,
pois de uma admiração sem re-
servas pelo mexicano. Sebas-
tião assinala ainda que Paz
"barroquiza a linguagem críti-
ca" e que seu texto é "redun-
dante" (p.11) e que "tende, com
freqüência, para a generaliza-
ção de conceitos e pode, às

vezes, arriscar-se a uma gene-
ralidade arbitraria". (p.12).
Muito agudamente observa que
Octavio Paz é "um crítico mais
de interpretação do que de
análise" (p.12) e que "seu
conceito de poético tem rela-
ções estreitas com a concep-
ção romântica do ato poético
como revelação ou ato mágico"
(p.13)

Sebastião Uchoa Leite mos-
tra neste livro um tipo de en-
saio literário praticado no
Brasil por pouquíssimas pes-
soas, entre as quais Davi Ar-
rigucci Júnior. Neste livro, a
presença do enfoque social
(que asfixia tanto a crítica
brasileira) é leve e pertinen-
te, e a literatura (estrangei-
ra ou nacional) ocupa sempre
o primeiro posto. Crítica
clandestina é, principalmente,
um livro que se pode reler.